



Professor Eduardo Rabelo

HOMENAGEM

A morte do professor Eduardo Rabelo, ocorrida a 8 de Agosto, abriu um claro profundo na Medicina brasileira. Perdeu ela um dos seus mais notáveis ornamentos e a Dermatologia o seu chefe de maior prestígio. Basta lembrar que foram seus discípulos, em épocas diferentes da sua longa e fecunda carreira professoral, os mestres hoje consagrados, Aguiar Pupo, de São Paulo, Luiz de Medeiros, de Curitiba, e Jorge Lobo, de Recife.

Nasceu o professor Rabelo na velha província fluminense, e depois de vencer os tropeços e as dificuldades da vida de estudante pobre doutourou-se em medicina em 1903. Por essa época Osvaldo Cruz começava o seu ciclópico trabalho de criar a medicina experimental no Brasil. Alis-tou-se êle entre os seus primeiros adeptos, e fez sua tese inaugural sob a orientação daquele insigne sábio patricio. Entregou-se, logo a seguir, a trabalhos de laboratório, tendo sido, durante alguns anos, assistente do laboratório bacteriológico. Aí estudou com especial cuidado os cogume-los das tinhas, seguindo os ensinamentos do mestre Sabouraud.

Passou depois a interessar-se pela dermatologia, frequentando o ser-viço de Werneck Machado, na Policlínica do Rio de Janeiro. Em 1906 concorreu à vaga de substituto de Clínica Dermatológica, conseguindo ser classificado, em igualdade de condições, em primeiro lugar. Sua no-meação só veio, porém, a efetivar-se mais tarde, por ocasião da reforma do ensino em 1915. Antes disso, a Congregação da Faculdade de Medi-cina, por unanimidade de votos, elegeu-o professor honorário. Em 1920 foi chamado por Carlos Chagas para organizar o serviço de Profilaxia da Lepre e das Doenças Venéreas. Como Inspetor-Chefe dessa secção da Saúde Pública coube-lhe criar todas as peças de um serviço que pela primeira vez se ensaiava no Brasil. Adotando um tipo de organização que melhor se adaptava à índole do nosso povo, dentro em pouco os re-sultados da campanha profilática ultrapassaram as expectativas mais optimistas. No que concerne mais particularmente à sífilis, houve um período que é hoje recordado com saudade, em que era difficil encontrar doentes de sífilis recente para serem mostrados aos estudantes dos cur-sos de sifilografia. Aloisio de Castro, na cátedra e na Academia de Me-dicina anunciava, que em virtude das medidas profiláticas, a sífilis do aparelho circulatório, começava a rarear nos serviços hospitalares, modi-ficando o panorama das velhas enfermarias do Hospital da Misericór-dia. Em virtude de ter assumido a cátedra de Dermatologia em 1925 e das reformas por que passaram os serviços sanitários não foi possível

conservar o serviço por êle organizado. “A organização anti-venérea no Rio de Janeiro, diz J. P. Fontenele, chegou até a despertar a atenção dos países estrangeiros, provocando a visita de especialistas de várias nações, que aqui vieram observar o funcionamento dos nossos serviços. Depois, pouco a pouco a I. de D. V. foi se desorganizando...”

No que concerne à lepra nesse período organizou o censo do Distrito Federal, fundou um dispensário para atender os doentes de lepra e iniciou a construção de um leprosário, infelizmente abandonada logo depois.

Deve-se ao professor Rabelo ter despertado a atenção dos nossos homens públicos para o problema social da lepra e das doenças venéreas, sabido como é, que entre alguns era considerado impatriótico, ventilar êsses assuntos, pelas repercussões desfavoráveis que teriam nos países estrangeiros.

Assumindo a cátedra de Dermato-Sifilografia em 1925, em virtude da aposentadoria do professor Fernando Terra, consagrou-se entusiasticamente às atividades do magistério. Conseguiu que a frequência à cadeira se tornasse obrigatória e, mais tarde, submetida ao mesmo regime das outras matérias do curso médico. Organizou o ensino de geito que, os alunos, divididos em pequenas turmas, recebiam, em aulas práticas, as noções necessárias ao clínico não especializado. Dentro em pouco a Dermatologia passou a ser uma das clínicas de maior prestígio entre os estudantes.

Desde a sua ascensão à cátedra não se satisfazia em atender às suas obrigações de professor do currículo médico. Julgava que, a exemplo das grandes clínicas européias e norte-americanas, era necessário desenvolver as atividades de pesquisa e o estudo “post-graduate”. A velha enfermaria 19 era insuficiente para êsse fim. Conseguiu, então, graças à sua dedicação e ao seu prestígio, o milagre da construção do pavilhão São Miguel. Foi edificado, então, um prédio de três andares, com ambulatórios, sala de aula, laboratórios, biblioteca, salas de fisioterapia, etc. A Clínica Dermatológica do Rio, ficou com instalações iguais ou superiores às mais famosas clínicas estrangeiras. Aí então numerosos trabalhos e pesquisas sobre imunologia, bio-química, bacteriologia, micologia e histo-patologia aplicadas ao estudo das dermatoses, foram realizados, sob a sua orientação. Grande número de médicos do Rio, dos Estados e alguns do estrangeiro fizeram estágio nos diferentes serviços, aperfeiçoando seus conhecimentos dermatológicos.

Em 1934 assumiu a direção do Centro Internacional de Leprologia, após a morte do grande Carlos Chagas.

Imprimiu a essa organização a sua orientação pessoal, pela qual há muito se vinha batendo, de que a lepra devia ser estudada pelos dermatologistas. Organizou, sob êsse critério, cursos de aperfeiçoamento para médicos, no qual o estudo da lepra era precedido pelo de noções de dermatologia. Conseguiu, assim, preparar um grande número de médicos capazes de atender aos serviços em vários pontos do Brasil.

Escreveu vários trabalhos científicos sobre lepra, sarcóides, dermatomycoses, leishmaniose, granuloma anular, câncer cutâneo, etc. A sua classificação de formas clínicas de leishmaniose é considerada a melhor,

dado o rigoroso critério dermatológico que a presidiu. Não se pode, porém, avaliar o seu imenso labor intelectual só pelas obras publicadas. Foram sem conta os trabalhos, teses, monografias e comunicações que orientou e, em muitos casos, colaborou. Gostava imensamente de estimular os principiantes. Na Sociedade Brasileira de Dermatologia, de que foi presidente durante 15 anos, os estreantes tímidos, depois de passarem pela tortura da apresentação do 1.º caso, ouviam do professor Rabelo palavras de encorajamento e de estímulo, a par de conselhos que muito serviam à sua orientação futura. Em 1938 assumiu a direção dos Anais Brasileiros de Dermatologia e Sifilografia, conseguindo regularizar a sua publicação e receber colaboração de vários pontos do Brasil e do estrangeiro.

Durante o seu período de professor, recebeu a visita dos mais renomados vultos da dermatologia estrangeira, tais como Darier, Jadassohn, Howard Fox, Clément Simon, Erich Hoffmann, Deseux, Maurice Favre, sem contar os nossos fraternos amigos argentinos e uruguaiois. Fez parte, como sócio honorário ou correspondente, de numerosas associações científicas nacionais e estrangeiras e recebeu condecorações de vários governos de países amigos. Teve uma grande clientela privada, para êle afluindo doentes de todos os pontos do Brasil. Gozou no Rio de Janeiro de imenso prestígio social, reunindo os seus salões o escol da sociedade carioca. A crise que o abateu veio colhê-lo em plena atividade. Na véspera de cair, estivera no serviço, dando a sua aula habitual e a sua opinião sobre os casos difíceis.

O professor Rabelo deixa uma imperecível tradição de honradez, de patriotismo e de amor pelo trabalho e pela Dermatologia e que vem sendo trilhada com inextinguível fidelidade pelo nosso ilustre colega Rabelo Júnior. A sua vida serve de paradigma a todos os que querem servir o Brasil; o verdadeiro patriotismo está sem dúvida, em cumprir os próprios deveres; ninguém como êle soube cumprí-los com tanta elevação e com tanta dignidade.

A sua memória será venerada com entranhado carinho pelos que professam e amam a Dermatologia que êle tanto engrandeceu.

H. Portugal.